



O sonho do analista*

*Sara Botella***, Paris

A autora considera que o sonho do analista desencadeado pelos restos diurnos de uma sessão de análise pode representar, para uma análise em dificuldade, além de esclarecimento preciso da contratransferência, uma fonte de aprofundamento e descoberta de certas zonas psíquicas do paciente. Comenta que os sonhos são portadores de uma memória e são insubstituíveis para a rememoração de certas experiências do passado que não deixaram marcas representáveis. Compara com a situação da descoberta da psicanálise, em que Freud era, ao mesmo tempo, o sonhador e o analista; o sonho do analista implica a dinâmica de dois psiquismos, cujos constituintes não são nem inteiramente separáveis e nem realmente unificáveis.

Descritores: Sonho do analista e sessão. Contratransferência. Regrediência. Dinâmica entre dois psiquismos. Memória. Ausência de representação.

* Trabalho apresentado no Colóquio Franco-Brasileiro, em maio 2011, na Sociedade Psicanalítica de Paris.

** Membro da Sociedade Psicanalítica de Paris.



Apesar de algumas publicações, quaisquer que sejam as épocas e as tendências, sobre os efeitos dos seus próprios sonhos no seu trabalho analítico, pensou-se durante muito tempo que os analistas que sonhavam com um paciente deviam retornar ao divã. A este respeito, o meu seminário dado já desde alguns anos sobre *O sonho e a sessão* me fez compreender que o problema é muito complexo e que, a menos que o analista seja suficientemente analisado e com a condição de que a problemática contratransferencial do seu sonho seja previamente bem elucidada à luz de certos elementos das sessões precedentes, o sonho do analista, dizendo respeito a um paciente, pode representar, para uma análise em dificuldade, não somente um esclarecimento precioso da contratransferência, mas também uma fonte de aprofundamento e de descoberta de certas zonas psíquicas do paciente. A questão que deve ser colocada, então, é a de saber se, de outra forma, esta dimensão psíquica ampliada teria permanecido inabordável.

Começa-se hoje a apreender o interesse do sonho do analista para o estudo desta surpreendente dinâmica do trabalho entre dois psiquismos, em que os constituintes não são nem inteiramente separáveis e nem realmente unificáveis. Ter-se-ia que descrever um trabalho analítico paralelo, mas complementar do habitual, cujo modelo seria, até certo ponto, o da situação da descoberta da psicanálise, em que Freud era ao mesmo tempo o sonhador e o analista. Com a diferença de que o jogo intrapsíquico de continuidade-descontinuidade entre o psiquismo noturno e o psiquismo diurno, inerente a qualquer autoanálise, é, neste caso, duplicado pelo existente entre dois psiquismos.

“Sonhar não é igualmente um lembrar-se?”

A ideia de que o sonho veicula uma dimensão temporal para além da do dia de sua ocorrência se encontra em Freud desde a primeira edição de *L'interprétation du rêve*, tendo sido precisada em 1914 a respeito do *homem dos lobos*:

[...] quanto às mais antigas experiências vividas da infância, não se pode mais a elas ter acesso tais quais, mas elas são substituídas na análise por ‘transferências’ e sonhos [...] Sonhar não é igualmente um lembrar-se [...]? Dado este retorno nos sonhos, eu explico a mim mesmo que se forma pouco a pouco nos próprios pacientes uma convicção firme (*Überzeugung*) no que toca à realidade (das) cenas originárias, convicção que não deve nada à fundada na lembrança (Freud, 1914-18, p. 49).



O papel da natureza alucinatória do sonho no retorno dos acontecimentos precoces, ideia que se encontra presente em Freud desde o início até o final da sua obra, é complementar desta outra de uma memória do sonho. Em 1896: “Estas alucinações não eram nada mais que partes provindas do conteúdo das experiências vividas e recalçadas da infância [...]” (p. 142). Mesma formulação, mas mais precisa, em 1937: “Talvez seja um caráter geral da alucinação até aqui insuficientemente apreciado o de que nela retorna qualquer coisa que foi vivida logo nos primeiros tempos, depois esquecida, qualquer coisa que a criança viu ou ouviu numa época em que ela ainda apenas começava a falar [...]” (p. 70).

Mas em 1937 não se tratará mais unicamente da regrediência alucinatória do paciente. Como a transferência e o sonho do paciente, o trabalho psíquico do analista, produzindo uma construção no lugar de uma lembrança da infância de seu paciente, é também ele portador de uma convicção relativa à realidade do passado. Para o Freud de 1937, do ponto de vista terapêutico, a convicção alucinatória da realidade da lembrança, com origem no funcionamento psíquico do analista, tem *o mesmo efeito de uma lembrança encontrada* pelo paciente.

Pode-se constatar que existe em Freud, na sua busca de vestígios do passado, uma dupla orientação. Uma delas é evidentemente a rememoração do que está esquecido, recalçado, dissociado, denegado, com o recurso às associações, a partir principalmente da narrativa do sonho e do seu fracionamento. A outra, especificamente não verbal e de ordem alucinatória, referindo-se diretamente ao trabalho do sonho, parece-me capital para a pesquisa contemporânea, dado que Freud, apesar dos seus avanços, nunca integrou esta corrente regrediente do retorno ao passado na definição do seu método.

Lembremos o fato histórico que o ponto de partida de Freud para fundar a prática e a disciplina psicanalíticas foi o procedimento descrito na sua obra *L'interprétation du rêve*, em que o sonhador e o analista da narrativa do sonho eram a mesma pessoa; em que a atitude mental *equiflutuante* dizia igualmente respeito tanto ao analista que tinha sonhado como ao sonhador voltando a ser analista¹. Mas este procedimento inicial não será integrado senão parcialmente no método adotado por Freud para a investigação do Ics do paciente. Ter-se-á assim, por um lado, um paciente sonhador e criador da narrativa do sonho e, por outro, um analista neutro, atento e ouvinte desta narrativa, ao qual, no entanto, escapa o acesso ao trabalho de criação dupla do sonho e da narrativa do seu paciente. Esta ruptura de simetria entre sonhador e analista será superada pela

¹ Para ilustrar esta situação, proponho que se pense na primeira *interpretação aprofundada* dada por Freud a partir de seu sonho em relação a sua paciente *Irma*.





assimetria heurística da relação entre analista-objeto de transferência e paciente-objeto de análise, em suma, pela situação psicanalítica.

A memória do sonho para além das lembranças

A validade absoluta desta forma de proceder foi, entretanto, progressivamente colocada em causa por Freud, particularmente com a descoberta, durante a guerra de 1914-1918, da existência de um tipo de sonho no qual o sistema Ics não desempenhava nenhum papel. O estudo do sonho da neurose traumática devia desembocar numa constatação difícil de ser admitida por Freud, sua confissão tendo sido adiada durante mais de dez anos. Em 1932 o sonho já não é mais, de fato, uma realização do desejo recalcado, dada a presença em cada sonho das *mais antigas experiências vividas da infância*, marcadas pelo seu caráter traumático. De fato, esta limitação tardia que Freud inflige ao desejo implicado pelo sonho, este novo postulado que o sonho é *tentativa de realização* tem por objetivo colocar em valor a *função primordial da atividade do trabalho do sonho*, “que quereria transformar os vestígios mnêmicos do acontecimento traumático numa realização de desejo” (1932, p. 111).

Na sequência da valorização desta *função primordial da memória do sonho*, o estudo deste se desliga da teoria geral das psiconeuroses e se inscreve em continuidade no campo da metapsicologia da neurose traumática. A importância do sistema Ics se vê, portanto, já relativizada em Freud bem antes de Bion. Queremos dizer que o sonho deve, antes de mais nada, ser compreendido como tendo uma função antitraumática fundamental a serviço da sobrevivência psíquica. Trata-se neste caso de uma nova concepção do trabalho do sonho que ultrapassa a definição deste como sendo uma formação de compromisso, encontrando, sob os efeitos da censura entre as instâncias, *uma saída de segurança* para o desejo inconsciente, afim de *extravazar a sua excitação* de uma forma disfarçada.

Examinemos esta complexidade. Se, incontestavelmente, o *sonho da neurose traumática* deve ser considerado como um malogro do trabalho do sonho, isto não impede que a repetição alucinatória de uma percepção mesmo idêntica represente uma modalidade particular de rememoração. A dupla simplificação do campo da memória – a redução dos vestígios mnêmicos em traços sensoriais e a do trabalho do sonho em figurabilidade direta – configura um modelo de uma extrema economia do trabalho psíquico.

Podemos continuar a avançar neste desenvolvimento com a ajuda de dois outros eixos de reflexão. Em primeiro lugar o da Escola de Psicossomática de



Paris. Para além do caso da repetição alucinatória onírica de uma percepção numa pessoa vítima de uma ruptura, de uma interrupção traumática dos seus processos memoriais, encontramos igualmente na clínica psicossomática, sobretudo num “estado operatório” (Smadja, 2001), um modelo de uma extrema economia. Mas, neste caso, a rememoração não é reduzida a uma percepção alucinatória de um estado traumático. Ela é antes uma memória de simples momentos do dia anterior – como, por exemplo, a tarefa que alguém realiza durante a vida diurna e que se repete de forma idêntica à noite –, o ponto comum entre operatório e traumatizado sendo a predominância dos *restos perceptivos* e a ausência do campo de forças do Ics.

O outro eixo é o da clínica das situações extremas de sobrevivência. Contrariamente aos casos precedentes, o que é repetido é um apego, um superinvestimento alucinatório extremo, em *identidade de percepção*, à memória das percepções de satisfação do passado infantil. Trata-se de uma profunda regressão, simultaneamente temporal, tópica e formal, que se torna um meio considerável de conservação da vida. Pensamos na narrativa do cativo de um amigo num campo de concentração durante a guerra de 1939-1945. Ele sobreviveu a um estado comatoso de uma desnutrição extrema, do qual não conserva senão a lembrança de uma corrente contínua, permanente, de percepções alucinatórias provindas das imagens-lembranças inconscientes dos primórdios de sua infância: o vermelho das bochechas dos coleguinhos no inverno quando brincavam na neve, o barulho de gaveta da caixa da mercearia onde ele ia comprar bombons, percepções alucinadas que lhe ocorriam em vagas contínuas, formando sonhos de imagens-lembranças. Nestes casos, a repetição idêntica das impressões da infância está ao serviço do princípio de prazer e, sobretudo, da sobrevivência. Trata-se, na realidade, neste caso, da recuperação de um funcionamento primordial da vida psíquica, da satisfação alucinatória sempre apta a subverter a ordem da necessidade.

Assim, o sonho-realização de desejo, o sonho da neurose traumática, o sonho do sobrevivente e mesmo o sonho operatório são todos portadores de uma memória, seja esta a memória de um desejo recalcado da infância, ou antes a dos traços perceptivos *de experiências vividas da infância* desprovidas de vestígios mnêmicos, de representações, ou ainda a memória dos traumas ou do trabalho da véspera.



A memória da transferência para além do desejo

A partir da formulação, em 1920, de um princípio *au-delà du principe de plaisir*; sequência teórica da psicopatologia da neurose traumática, a transferência não podia mais ser considerada unicamente como a transferência dos desejos recalçados do passado. À semelhança do malogro do sonho-tentativa, a transferência, para além da sua tendência à atualização da realização de um desejo, de sua busca de prazer, podia ser compulsão a repetir uma dor, a repetir *cicatrizes narcísicas*. Em *Analyse avec fin et analyse sans fin*, escrito em junho de 1937, a transferência não é mais verdadeiramente a “alavanca” da análise; entre dor e masoquismo, ela pode mesmo determinar o insucesso desta.

O artigo de Luis Rascovsky, publicado em 1976 em Buenos Aires com o título *Um sonho de dois e dois sonhos de um: compulsão, repetição e elaboração*², é, deste ponto de vista, um testemunho eloquente. Rascovsky foi um dos primeiros analistas a compreender o interesse em estudar a dinâmica surpreendente do trabalho entre dois psiquismos na sessão para superar a predominância da repetição num paciente. Ele descreve como o vivido partilhado de um vazio transferencial de que a compulsão à repetição se apodera faz com que o inconsciente de cada um “morda a cauda da cobra”; como a conduta compulsiva do paciente, a procura incessante de outra e de ainda outra prostituta “para se lembrar deste ato”, diz ele, cessa com a emergência de sua raiz traumática infantil silenciosa à qual faltavam palavras. O retorno das *mais antigas experiências* se evidencia graças a uma convergência do conjunto dos constituintes das duas realidades psíquicas do momento. Depois de uma sessão tempestuosa, na noite que se segue, os dois, analista e paciente, sonham com um conteúdo manifesto idêntico.

Um “sonho de dois”, como diz Rascovsky, que parece dar testemunho do entrelaçamento do trabalho psíquico, da convergência de dois psiquismos, de um procedimento de ligação outro que o das associações. Como explicar tal fato?

Vou avançar algumas hipóteses. A primeira é que, com a regressão tópica noturna indo até a transformação do aparelho psíquico de cada um deles em aparelho de percepção alucinatória, o trabalho do sonho estava apto a produzir uma mesma forma manifesta, a que correspondia melhor ao vivido da sessão precedente, uma forma única, a partir de um acontecimento importante que não teria sido registrado durante a sessão que precedeu os dois sonhos, nem por um, nem pelo outro, sob a forma de vestígios mnêmicos capazes de serem rememorados

² N.R.: este artigo está publicado na íntegra adiante, na presente revista, p. 209-211.





e acessíveis à consciência de ambos. Face à natureza despersonalizante do silêncio do analista desorientado diante dos protestos do paciente e face à natureza da repetição cega, atuada, da conduta compulsiva do paciente, os dois, analista e paciente, teriam vivido, sem que disto se apercebessem conscientemente, e simultaneamente, qualquer coisa de desconhecido, de não-representável. É então este *vivido* que, na ausência de representação de seu estado, teria desempenhado um papel de resto diurno, o papel de *empreiteiro* dos dois sonhos. O que poderia explicar a sua *homoforma* manifesta e a convicção partilhada da realidade de um acontecimento que teria permanecido até então sem conteúdo.

Esta hipótese da simultaneidade dos *percebidos* endopsíquicos de seu estado traumático no momento da sessão precedente é corroborada por uma outra simultaneidade durante a sessão da narrativa do sonho. Assim, no que diz respeito às representações de palavras *idênticas* dos dois sonhos – “Aqui falta algo” –, pode-se pensar que elas surgem para o analista durante a escuta da narrativa do seu paciente. “Enquanto eu escutava o meu paciente, eu me lembrava do meu” (1976, p. 195), escreve L. Rascovsky. Para o seu grande espanto, ele é idêntico ao que o seu paciente está narrando. Penso que é neste momento que Rascovsky volta a sonhar o seu próprio sonho noturno; ou, talvez, que é só durante a sua escuta que ele tem um sonho idêntico. Neste caso, esta situação seria comparável à da paciente de Freud no seu artigo sobre o “sonho premonitório” (Freud, 1899).³

Resumindo, a minha hipótese é a seguinte: não teria sido a regressão narcísica do seu ego durante o sono da noite precedente, mas a regrediência do seu pensamento, no momento mesmo da sessão, escutando a narrativa do seu paciente, que lhe teria permitido partilhar o conteúdo da narrativa do sonho deste último. À escuta, num certo estado regrediente, com uma certa indistinção entre o percebido e o endopercebido, ele teria estado próximo da indistinção do sonhador entre *ver* e *ver-se*, entre *estar no sonho* e *ver-se no sonho*.

Teria sido este estado regrediente, simultaneamente partilhado entre analista e paciente, que teria tido o poder de pôr termo à conduta defensiva, repetitiva, compulsivamente adotada pelo paciente contra a percepção do vazio da depressão silenciosa de sua infância.

³ Freud, S. « Une prémonition onirique accomplie », G.W., XVII, In: (1890-1920). *Résultats, idées, problèmes*, T. I, Paris: PUF, 1984. O manuscrito tem a data de 10 de Novembro 1899: “Assim a criação posterior de um sonho, que só assim torna os sonhos proféticos possíveis, não é nada mais que uma forma do processo [...] que torna possível [...] o trajeto até a consciência”. No caso de Rascovsky, são os processos regredientes da sessão que teriam tornado possível o pensamento consciente: “Nós tivemos o mesmo sonho”.



O sonho de Freud

Desde 1900, na sua autoanálise, Freud tinha bem em conta os limites da análise por deslocamentos associativos:

Qualquer que seja o sonho que eu submeta a uma semelhante dissecação, encontro constantemente confirmados os mesmos princípios, ou seja, que os elementos do sonho são formados a partir de toda a massa dos pensamentos do sonho e que cada um deles, em relação aos pensamentos do sonho, aparece determinado de múltiplas maneiras. (p. 326-327).

O que o faz dizer que, entre o conteúdo manifesto do sonho formado a partir de toda a massa e a massa ela mesma dos pensamentos do sonho, existe “um entrelaçamento particularmente engenhoso de relações mútuas” (Freud, 1900, p. 326-327). Sublinho o termo *mútuas* porque ele supõe a existência de uma interação permanente entre *elementos* e *massa*, implicando em modificações incessantes.

Das nossas leituras de *L'interprétation du rêve*, das análises de Freud de seus próprios sonhos, retemos sobretudo a sua investigação metódica baseada em deslocamentos conforme as suas *associações de ideias* que o conduzem à descoberta das *representações inconscientes* contidas nos seus sonhos. Gostaria ainda de insistir no fato de que Freud estava igualmente em busca da restituição de alguma outra coisa, infelizmente sem transmitir, desta, o seu método. Às vezes denominado por ele de *fator primário*, de *esferas insondáveis*, ou ainda de *fonte profunda*, era qualquer coisa cuja descrição mais explícita dada por ele é a seguinte: “[...] temos a surpresa de encontrar no sonho a criança que continua a viver com as suas impulsões” (p. 229).

Por exemplo, na análise do *Rêve de la monographie botanique*, Freud revela suas associações passando de representação em representação: *cyclamen / fleur favorite / plante de coca / plat préféré / artichaud / effeuiller / feuille à feuille / herbier / ver de livres / rat de bibliothèque*⁴. Ele demonstra assim o quanto o seu método estava apto a restituir ponto por ponto as representações inconscientes do sonhador. Entretanto, ele acrescenta: “Além disto, posso assegurar que o sentido último do sonho, que eu não desenvolvi aqui, se encontra na relação mais íntima com o conteúdo da cena da infância” (p. 228). Trata-se de Freud criança de cinco

⁴ Tradução em português: *cíclame / flor favorita / planta de coca / prato preferido / alcachofra / desfolhar / folha a folha / herbário / larva dos livros / rato de biblioteca*.



anos que arranca páginas de um livro com pranchas em cores, dado por seu pai, autorizando-o “a desfazê-lo em pedaços” (*Zerstörung*) (Freud, 1900, p. 231).

Com Freud, deveríamos nós considerar, então, esta lembrança de infância como tendo tomado parte na formação do sonho. Ou não se trataria antes do trabalho da análise do sonho que teria estabelecido só posteriormente uma *relação mútua*, novas ligações entre as representações, os *elementos* e a *massa* das *esferas inextricáveis* das impulsões infantis? A resposta de Freud não é muito clara. O que eu compreendo é que esta figura última, a cena de arrancar páginas, estando sobreposta à análise da narrativa do sonho segundo o método das associações por deslocamento, teria permitido a Freud encontrar, então, uma inteligibilidade em concordância com *as mais antigas experiências vividas de sua infância*. Neste caso, a *cena da infância* não deveria tanto ser tomada como uma recordação encobridora a ser analisada, mas como um novo enfoque da história infantil do sujeito.

Retornemos ao sonho de Luis Rascovsky. Teria uma investigação de sua parte, segundo o procedimento da associação livre, podido chegar à compreensão do estado traumático da ausência de representação do seu paciente? Teoricamente isto seria de fato possível. Só que, ao nível dos efeitos produzidos por um e por outro destes dois procedimentos – trabalho de ligação num estado de adormecimento e trabalho de ligação num estado de vigília –, há uma diferença essencial. A compreensão através de associações livres, impedindo o vivido despersonalizante da ausência de representação, teria encerrado os dados traumáticos das circunstâncias, enquanto que o procedimento através do trabalho do sonho do analista abria uma via para a inteligibilidade deste vivido enquanto experiência silenciosa do desenvolvimento da vida pulsional ainda sem *representância* estável na criança.

O sonho de Sergueï P.

Resta ainda uma terceira solução, a de uma construção feita pelo analista, com a condição de que ela seja portadora de um sentimento de convicção partilhada de sua realidade. Se tomarmos o exemplo histórico em que Freud propõe uma construção a Sergueï P., somos obrigados a constatar a grande disparidade vivida entre analista e analisando. A brilhante e minuciosa reconstrução da cena primitiva, a partir da narrativa de um pesadelo de infância, contrasta dramaticamente com a impossibilidade de o *Homem dos lobos* poder reconhecer as ligações entre a cena *construída* por Freud e os vestígios da experiência do seu pesadelo: Sergueï não



verá na construção senão um objeto de interesse para Freud. Pior ainda: para ele, era como se Freud tivesse se apoderado de seu pesadelo e, em contrapartida, ele mesmo se sentisse despossuído da narrativa do seu vivido, ficando sem narrativa, sem cena, só com as suas experiências de terror [...], só, no ódio da reconstrução imposta por Freud. O que, bem mais tarde, o fará dizer à jornalista Karin Obholzer: “Veja, todas estas construções, é preciso apesar de tudo contestá-las. Acredita nelas, em todas estas construções dos psicanalistas? [...] Esta cena com os lobos brancos, supostos serem meus pais e seu coito [...] Acredita acaso nela?” (1981, p. 74). A convicção inabalável (*Sichere Überzeugung*) de Freud relativa à cena reconstruída, “convicção que não a deixa dever nada à fundada na lembrança” (Freud, 1914-1918, p. 49), não se produziu em Seguei.

De onde procede, então, esta diferença, este abismo entre o que é considerado realidade da infância pelo analista e estranha fantasia pelo paciente? Pensamos que, com Serguei P., Freud teve, muito rapidamente, a intuição “que atrás do sonho [do seu paciente] se encontrava dissimulada a causação da [sua] neurose infantil” (Freud, 1914-18, p. 3) e que este *qualquer coisa de desconhecido* oferecia uma possibilidade inesperada para a reconstrução da patologia infantil do seu paciente. Toda a sua atenção estava voltada a esta *desconhecida* da teoria da neurose: sua causalidade originária. Mas, para o paciente, a realidade da *lembrança* do seu pesadelo, as narrativas repetidas do pesadelo durante a sessão não respondiam senão ao *sentimento de realidade efetiva* (*Wirklichkeitsgefühl*) (Freud, 1914-18, p. 3) do terror da sua infância, terror em estado puro, sem conteúdo, sem causalidade explicável. Para ele, a sutileza do sentimento de realidade, de evidência de uma descoberta, que pode despertar uma reconstrução, o seu caráter subjetivo de verdade, a sua regrediência temperada não tinha nenhuma relação possível com a repetição do impacto da realidade alucinatória, perceptiva, das figuras do seu pesadelo.

Efetivamente, marcado por figuras, moções, sensações, o impacto psíquico dos retornos sucessivos do pesadelo, como o do retorno das mais antigas experiências da infância durante a sessão, não provém da eficiência da intemporalidade do inconsciente da primeira tópica, da força dos afetos inseparáveis dos representantes-representações de objetos da infância, mas ele é devido aos efeitos causados pela ausência de traços de formações intermediárias entre os traços dos impulsos infantis e os traços mnêmicos de certos acontecimentos da infância.

Para finalizar, direi que sonho ou pesadelo, e mais amplamente qualquer regrediência do pensamento na sessão de análise, incluindo os *restos diurnos* de um sonho na noite que se segue a esta sessão, dada a sua autonomia tópica e



temporal relativa à via habitual do retorno ao passado sob a forma de lembrança, são insubstituíveis para a rememoração de certas experiências do passado que não deixaram marcas representáveis, duráveis sob a forma de traços mnêmicos representáveis. Para o psicanalista no seu trabalho, como para o seu paciente, *Sonhar não será igualmente um lembrar-se?*

Abstract

The analyst's dream

The author considers that the analyst's dream triggered by the day residues of an analytic session may represent, for a difficult analytic process, besides a precise clarification of countertransference, a source of elements to uncover and dive into certain psychic zones of the patient. The author comments that dreams convey a memory and cannot be replaced for the recall of certain experiences of the past which did not leave representable marks. She compares that to the situation of discovery of psychoanalysis, in which Freud was, at the same time, the dreamer and the analyst; the analyst's dream implies the dynamic of two psychisms, which components are neither entirely able of separation, nor truly unifiable.

Keywords: Analyst's dream and session. Countertransference. Regredience. Dynamics between two psychisms. Memory. Absence of representation.

Resumen

El sueño del analista

La autora considera que el sueño del analista gatillado por los restos diurnos de una sesión de análisis puede representar, para un análisis en dificultad, más allá de la aclaración precisa de la contratransferencia, una fuente de profundización y descubrimiento de determinadas zonas psíquicas del paciente. Comenta que los sueños son portadores de una memoria y son irremplazables para la rememoración de determinadas experiencias del pasado que no han dejado marcas representables. Compara a la situación del descubrimiento del psicoanálisis en que Freud era, al mismo tiempo, el soñador y el analista; el sueño del analista implica la dinámica de dos psiquismos, cuyos constituyentes no son ni totalmente separables ni tampoco realmente unificables.



Sara Botella

Palabras llave: Sueño del analista y sesión. Contratransferencia. Regrediencia. Dinámica entre dos psiquismos. Memoria. Ausencia de representación.

Referências

- FREUD, S. (1896). Nouvelles remarques sur la psychonévrose de défense. In: *Oeuvres complètes de Freud*, v. 3, Paris: PUF, p.142.
- _____. (1899). Une prémonition onirique accomplie. In: *Résultats, idées, problèmes*, T. I, Paris: PUF, 1984; *Gesammelte Werke*, v. 17.
- _____. (1900). L'interprétation du rêve. In: *Oeuvres complètes de Freud*, v. 4, Chapitre VI, Paris: PUF, 2003.
- _____. (1914-1918). À partir de l'histoire d'une névrose infantile. In: *Oeuvres complètes de Freud*, v. 13, Paris: PUF.
- _____. (1932). Nouvelle suite des leçons d'introduction à la psychanalyse. In: *Oeuvres complètes de Freud*, v. 19, Paris: PUF.
- _____. (1937). Constructions dans l'analyse. In: *Oeuvres complètes de Freud*, v. 20, Paris: PUF.
- OBHOLZER, K. (1981). *Entretiens avec l'homme aux loups*. Paris: Gallimard, 1981.
- RASCOVSKY, L. (1976). Un sueño de dos y dos sueños de uno, compulsión, repetición y elaboración; una comunicación que no pudo ser realizada hace más de veinte años por razones éticas actualmente desaparecidas. *Revista de Psicoanálisis da APA*, v. 33, n. 1, p. 193-195.
- SMADJA, C. (2001). *La vie opératoire*. Paris: PUF.

Recebido em 01/08/2011

Aceito em 24/01/12

Tradução de **Norma Tasca** (Société Psychanalytique de Paris – SPP)

Revisão técnica de **Rosane Schermann Poziomczyk**

Sara Botella

11 rue Jean de Beauvais,
75005 Paris, France
e-mail: cbotella@club-internet.fr

© Sara Botella

Versão em português Norma Tasca (SPP)

Revista de Psicanálise – SPPA